

FONTE : ST

DATA : 26 4 89

CLASS. : Amaz. / Geral

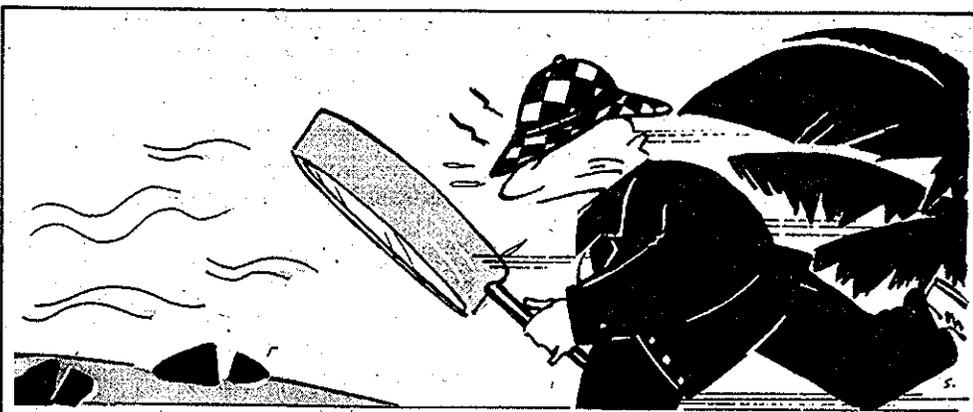
PG. : 15 19

AGERR0019

Um brasileiro espionando os ecologistas europeus

O sociólogo e professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Argemiro Procópio Filho, embarca para a Alemanha em maio para tentar descobrir que tipos de interesses estão por trás das crescentes campanhas dos europeus em defesa do meio ambiente da Amazônia. Para Procópio, esses ecologistas são hipócritas: "O discurso dos verdes na Europa e nos Estados Unidos é inversamente proporcional à prática das multinacionais de seus países com relação ao verde do Brasil", afirma.

A pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) durará um ano e será desenvolvida no Instituto Ibero-Americano, em Berlim, considerado como a mais completa instituição européia em assuntos amazônicos. O professor também terá encontros com cientistas da Suécia, União Soviética, Polônia, Bulgária e Checoslováquia. Argemiro Procópio prevê que enfrentará barreiras em sua tarefa porque estará "atacando a sociedade européia". E garante que seu trabalho não faz parte da estratégia do governo brasileiro de responder aos ataques estrangeiros, embora reconheça que recebeu incentivo do Itamaraty.



Ouro e Cocaína

O ponto de partida da pesquisa é o inédito consenso entre os partidos verdes da esquerda e da direita na Europa.

"Quero saber por que eles, que nunca concordam, de repente assumem essa convergência com relação à Amazônia." Procópio acredita que há razões econômicas e políticas que explicariam tal concordância.

Uma de suas hipóteses é que há uma ligação entre o contrabando de ouro da Amazônia e o tráfico de cocaína, "ambos realizados por poderosos grupos dos países ricos". Procópio diz que o desenvolvimento da Amazônia e a presença militar brasileira, através do projeto Calha Norte, prejudicariam tais interesses. O Calha Norte, segundo ele, também é criticado pela esquerda.

"Por que fazem tanto barulho pela presença

militar se ela não é poluente? O Exército não fabrica armas na Amazônia, apenas constrói quartéis", defende Procópio. Quanto ao desenvolvimento, o professor diz que bancos internacionais estão impedindo o Brasil, por exemplo, de construir uma estrada ligando o Acre ao Pacífico, sob o argumento que a obra afetaria a natureza. "Só que essa rodovia tornaria nossa soja

mais competitiva no mercado japonês", diz ele.

Outra idéia que Argemiro Procópio vai tentar comprovar é que a devastação amazônica estaria sendo usada pelos governantes europeus para desviar a atenção sobre seus estoques químicos e nucleares. "Os europeus, hoje, estão sentados em cima de um barril de pólvora. Então, nada melhor que o seu povo comece a falar sobre a falta de ar provocada pelo desmatamento da Amazônia", afirma.

Ressalta ele que as multinacionais européias são responsáveis por grande parte dos problemas ambientais dos países pobres, citando os fabricantes de insumos químicos usados na agricultura, os fabricantes de moto-serras, as instalações industriais que não usam filtros antipoluentes e os exploradores do ouro que estão contaminando os rios com mercúrio.

Rosana Bond/AE